

EDITORIAL

O número 44 da revista *Philosophica* tem uma dupla vocação memorial: celebra os 300 anos do nascimento de Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762) e homenageia a filósofa Cristina Beckert (1956-2014). É à sua memória que dedicamos este número especial, que reúne um conjunto de artigos referentes ao legado baumgarteniano.

Cristina Beckert era Professora no Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, membro-fundador do Conselho Científico da Sociedade de Ética Ambiental (Presidente de 2000 a 2006) e Presidente do Conselho Científico do Doutoramento em Enfermagem da Universidade de Lisboa. A sua actividade docente e a sua produção ensaística foram centradas nas questões éticas, mais particularmente, na área da ética ambiental. Deixou-se sempre nortear pela perspectiva de um mundo melhor não apenas filosoficamente, mas também nos detalhes do seu quotidiano. Para quem teve o privilégio de a conhecer, vive a memória de uma pessoa bela, íntegra, de grande lucidez, generosidade e sensibilidade – em sintonia com a descrição que Baumgarten faz do *felix aestheticus*.

Ainda que tenha ficado conhecido como o pai da estética e tenha logrado o apreço dos seus contemporâneos, Baumgarten não teve um reconhecimento proporcional ao peso da sua obra, que nos últimos anos vem sendo redescoberta para lá do âmbito cerceante da estética centrada na filosofia da arte e nas teorias do belo. Novos rumos e cruzamentos disciplinares têm reconduzido os filósofos contemporâneos a encontrar nos escritos de Baumgarten uma matriz teórica alternativa e a explorar com interesse renovado as especificidades do seu contributo. Nessa mesma senda que guinda Baumgarten das notas de rodapé da história da filosofia para um plano mais central, o presente número da *Philosophica* propõe oito artigos sobre diferentes aspectos do pensamento de Baumgarten, sua genealogia, influência e difluência no contexto coevo.

Começando pelos ascendentes e inspirações que a obra de Baumgarten evidencia, Bengerd Juul Thorsen oferece um estudo sobre o uso que o filósofo faz da *Ars Poetica* de Horácio nas *Meditationes*. O seu artigo “Baumgarten’s *Meditationes* as a commentary on Horace’s *Ars Poetica*” inicia com uma contextualização respeitante à tradição da

exegese dos textos horacianos e com uma análise da relação entre a *Ars Poetica* e as obras de comentadores que Baumgarten terá lido. São então explorados exemplos que atestam diferentes modos e propósitos das citações ou alusões feitas por Baumgarten à *Ars Poetica*. Thorsen defende que o uso do texto horaciano nas *Meditationes* não se limita a um convencionalismo formal, sendo que a própria teoria estética de Baumgarten é, nesta obra, devedora da interpretação e desenvolvimento a que o filósofo sujeita os excertos horacianos. Em “The cognitive and ethical scope of ‘confusion’ in Baumgarten’s aesthetics”, Tomoe Nakamura propõe, por seu turno, uma incursão genealógica através dos fundamentos epistemológicos cartesianos e leibnizianos que abriram caminho ao projecto estético de Baumgarten. Tal genealogia é traçada tendo por fulcro o conceito de “confusão”, no qual radica a crença baumgarteniana do valor cognitivo da percepção sensória e de que esta pode ser vantajosa para a percepção racional. Para clarificar os fundamentos metafísicos da formulação do valor ético e cognitivo da “confusão”, Nakamura prossegue com uma análise das alterações que o conceito de “estética” foi evidenciando ao longo dos escritos de Baumgarten, dando atenção às implicações de outros conceitos, como “perfeição”; “clareza intensiva/ clareza extensiva”; “verdade lógica/ verdade estética”; “certeza moral” e “beleza”.

O tema da “perfeição sensível” é aprofundado por J. Colin McQuillan em “Baumgarten on sensible perfection”. O artigo parte das diferentes abordagens que Baumgarten apresenta em *Meditationes*, *Metaphysica* e *Aesthetica* acerca dos sentidos e da perfeição. McQuillan assume que na segunda obra, dada a necessidade de coerência interna e dada uma nova acepção de perfeição, o uso do conceito “perfeição sensível” devém mais rarefeito, mantendo-se todavia presente. Na nova acepção ontológica e cosmológica de perfeição, Baumgarten substitui as ideias de distinção e beleza, pela de concordância, sem que o mesmo se repita em *Aesthetica*. São ainda clarificadas as diferenças face às formulações leibniziana e wolffiana que inspiram o conceito, bem como a recepção do mesmo por Meier e por Kant. Também o artigo de Maximiliano Hernández Marcos aborda a influência em Baumgarten da ideia leibniziana de perfeição – mais especificamente da perfeição do mundo – que subjaz ao conceito de *analogon rationis*. O *analogon rationis*, a par do sentido interno, é uma das noções determinantes para a condição de “sujeito psíquico sensível”, central no artigo “El sentido interno, tópica natural de la invención en A. G. Baumgarten”, onde Maximiliano Hernández Marcos coloca em primeiro plano a ideia de uma Tópica natural da invenção, para compreender o alcance das doutrinas de Baumgarten quanto ao processo criativo. Antes de explorar os conceitos de sentido interno e *analogon rationis*, o autor analisa o modo como Baumgarten

assume o paradigma psicológico da modernidade e as três orientações que lhe subjazem: a cartesiana, a lockeana e a leibniziana. O autor salienta que tal Tópica natural psicológica apenas está presente em *Meditationes*, sendo a da *Aesthetica* já uma Tópica objectiva e artificial. O artigo finda com uma consideração acerca do ímpeto estético, aberta à influência que dele terá colhido a teoria pré-romântica do génio e a estética do obscuro, do impulsivo ou desviado. Nessa mesma esteira, o texto de Dirk Michael Hennrich, “Alexander Gottlieb Baumgartens Ästhetik und die *Desastres de la guerra* des Francisco de Goya”, explora uma estética da sombra na articulação entre seis princípios de Baumgarten sobre este tema e a série de gravuras *Desastres da guerra* de Goya. A sombra é assumida não apenas em relação ao que é fisicamente visível, mas ao que subjaz à interpretação, como se de uma luz negra se tratasse. Baumgarten defende que na natureza não há um hiato entre a treva e a distinção, coadunando-se tal pressuposto com o equacionamento da sombra como figura mediadora e possibilitadora de uma inteligibilidade quer da razão, quer do irracional. O lado obscuro da consciência, como começo do processo cognitivo cujos objectivos são a claridade e a distinção, é também considerado por Gualtiero Lorini no capítulo sobre o *fundus animae*, em “The Origins of the Transcendental Subjectivity: on Baumgarten’s Psychology”. Neste artigo, o autor mostra como a concepção baumgarteniana da subjectividade tenta preencher a cisão entre o “eu” e a “alma”, aderindo ao esquema de Wolff e ao seu rigor metodológico, ao mesmo tempo que retoma alguns tópicos de Leibniz rejeitados por Wolff. Baumgarten fixa a racionalidade intrínseca do conhecimento empírico, revelando a unidade da razão na multiplicidade das suas impressões. O tratamento da Psicologia por Baumgarten na obra *Metaphysica* é ainda clarificado neste artigo pela abordagem da orientação inversa seguida por Kant.

Os dois textos que fecham a secção *Artigos*, concorrem para um vislumbre quanto à influência de Baumgarten no contexto iluminista de então, especialmente em Kant. Courtney D. Fugate, no artigo “Alexander Baumgarten on the Principle of Sufficient Reason” dissecar o modo como Baumgarten tratou o Princípio da Razão Suficiente, clarificando o real sentido da prova baumgarteniana e demonstrando que nela é possível encontrar resposta às principais objecções que seriam levantadas pelos seus contemporâneos, em particular pelo Kant da pré-Crítica. Através do exame a quatro objecções à prova de Baumgarten, Fugate demonstra não ser possível encontrar uma refutação consistente nos argumentos avançados pelos seus contemporâneos, uma vez que assentam em equívocos quanto ao sentido dos componentes da prova e mesmo quanto à sua posição no contexto mais amplo do sistema metafísico de Baumgarten. Em

“The traditional form of a complete science: Baumgarten’s *Metaphysica* in Kant’s Architectonic of Pure Reason”, Adrian Switzer debruça-se sobre a correspondência formal entre a apresentação da ciência metafísica que Kant faz no capítulo da “Arquitectónica da Razão Pura” da primeira Crítica e a apresentação tetrâmera feita por Baumgarten em *Metaphysica*. Ambos os filósofos privilegiam a ontologia como a única ciência metafísica geral, sendo que Kant a reformula em termos de uma “analítica do entendimento”, através da qual a razão é providenciada com as condições de objectividade em geral. Switzer defende que é precisamente pela adopção do esquema arborescente de Baumgarten que Kant consegue trazer para o plano teórico de uma metafísica científica a completude e sistematicidade que considerava estarem em falta no esquema metafísico tradicional.

O número finda com uma tradução feita por Ana Rita Ferreira dos Prolegómenos da *Estética* de Baumgarten. A tradução em português vem acompanhada pela apresentação do texto latino de 1750.

Por último, cabe um sincero agradecimento aos demais membros da Comissão Científica deste número especial da *Philosophica* dedicado a Baumgarten: Adriana Veríssimo Serrão, Gualtiero Lorini, José Miranda Justo, Leonel Ribeiro dos Santos e Maximiliano Hernández Marcos.

Ana Rita Ferreira